
TEATRO

26, 27, 28, 29 FEV

1 MAR '08

ENGLAND

INGLATERRA

Uma peça para galerias

de Tim Crouch (news from nowhere)

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



DE TER 26 FEVEREIRO A SÁB 1 MARÇO 2008 · GALERIA 2 · 21h30 · DUR. 1h00 · M/12
Espectáculo falado em inglês, sem legendas

Texto Tim Crouch
Encenação Tim Crouch, Karl James e a smith
Com Tim Crouch e Hannah Ringham
Desenho de som Dan Jones

Uma encomenda do Traverse Theatre de Edimburgo
Uma produção news from nowhere
Co-produzida por Culturgest e Warwick Arts Centre

Estreia a 4 de Agosto de 2007, na Fruitmarket Gallery, no Festival de Edimburgo, durante uma exposição de Alex Hartley. A apresentação na Culturgest decorre durante uma exposição de Frances Stark.

NOTA: o público fica de pé durante parte do espectáculo

A galeria ideal subtrai à obra de arte todas as pistas que interferem com o facto de que é “arte”. (...) Uma galeria constrói-se segundo leis tão rigorosas quanto as que servem para uma igreja medieval. O mundo exterior não pode entrar, portanto as janelas são normalmente seladas. Pintam-se as paredes de branco. (...) Neste contexto um cinzeiro de pé torna-se quase um objecto sagrado. (...) Completa-se a transposição perceptiva modernista da vida para os valores formais. Isto, claro, é uma das doenças fatais do modernismo. (...) A arte existe numa espécie de eternidade exposta. (...) Esta eternidade dá à galeria um estatuto próximo do limbo; é preciso já ter morrido para ali estar.

BRIAN O'DOHERTY,
INSIDE THE WHITE CUBE – THE IDEOLOGY OF THE GALLERY

Algumas galerias deviam ter doseadores de sabão antisséptico para as mãos à entrada. A sua estética é tão limpa e do outro mundo que parecem desdenhar o caos mortal e infectado do dia-a-dia – e isto antes sequer de termos olhado para as obras de arte! Tenho a mesma sensação com as igrejas... e, claro, os hospitais. Estes são os três cenários no primeiro acto de *ENGLAND*. O teatro, parece-me, não tem a mesma capacidade para linhas tão imortalmente puras. A sua matéria-prima é menos controlada, mais inclinada para a doença. Nunca sinto que tenho de lavar as mãos antes de ver uma peça.

Dentro quer do teatro quer das artes plásticas existe o elemento caótico do público e a imprevisibilidade da sua recepção. Marcel Duchamp chamou a isto o “coeficiente de arte” entre “o inexpresso embora projectado e o que é expresso não-intencionalmente”. Com as artes plásticas, no entanto, um factor do coeficiente de arte de Duchamp é mais estável do que o corpo humano no teatro – o objecto material. É a presença do objecto nas

artes plásticas que provoca na nossa cultura noções de valor comercial. As obras de arte, na sua materialidade, tornam-se receptáculos de valor, coisas para trocar e negociar. Em *ENGLAND* coloco as dinâmicas das artes plásticas e do teatro uma contra a outra. O mundo materializado das artes plásticas contra a *palavra* desmaterializada do teatro. Não tentei criar uma obra híbrida. Em vez disso peguei simplesmente no que considero ser a essência mortal do teatro e transplantei-a para uma galeria. As consequências deste acto de transplantação estão aí para o público as destapar.

ENGLAND cartografa a evolução de uma doença. Ao invés de ver a doença como um processo de transformação, a cultura ocidental vê-a como algo a evitar, bloquear ou suprimir. Os excessos dessa cultura negam a morte à personagem principal do Primeiro Acto da peça. As consequências dessa negação são exploradas no Segundo Acto. A peça debruça-se sobre aquilo que perdemos na demanda de imortalidade de uma cultura – uma perda de si e o declínio da ética.

TIM CROUCH, FEVEREIRO DE 2008



Tim Crouch

A sua primeira peça, *My Arm (O Meu Braço)*, foi lida pela primeira vez no Franklin Stage de Nova Iorque no Verão de 2002. Estreou no Traverse Theatre durante o Festival de Edimburgo de 2003. Desde então, teve carreiras em Nova Iorque e Londres e andou em digressão pela Europa e América do Norte. Está publicada na Faber and Faber. A adaptação que Tim Crouch fez para a BBC Radio ganhou um cobiçado Prix Italia em 2005. O espectáculo foi apresentado em Lisboa, na Culturgest, a 2 e 3 de Julho de 2004 em colaboração com os Artistas Unidos, que editaram o texto na sua revista n.º 10.

A peça seguinte, *An Oak Tree (Um Carvalho)*, estreou em Edimburgo no

Verão de 2005 e recebeu um Glasgow Herald Angel Award. Esteve em digressão pela Europa em 2006 (com passagem pela Culturgest de 15 a 18 de Junho de 2006, integrada no Festival Alcantara) e terminou o ano com uma carreira Off Broadway, em Nova Iorque. Pela sua interpretação nesta peça, Tim Crouch recebeu o prémio de Melhor Actor no Festival de Brighton, em 2006. Está publicada nos Oberon Books.

ENGLAND (INGLATERRA) estreou em Agosto de 2007 no Fringe Festival de Edimburgo, onde recebeu três prémios: um Fringe First, um Herald Archangel e um Total Theatre Award. Está também publicada nos Oberon Books. A tradução deste texto, bem como a de

An Oak Tree, foram agora publicadas nos Livrinhos de Teatro dos Artistas Unidos, em co-edição com a Culturgest.

Desde 2003, Tim Crouch completou igualmente uma trilogia de encomendas shakespearianas para um público jovem, feitas pelo Festival de Brighton: *I Caliban*, *I Peaseblossom* e *I Banquo*. Em conjunto, as peças a partir destas três personagens secundárias chamam-se *fairymonsterghost*. A encomenda que Crouch fez para o Serviço Educativo do National Theatre, *Shopping for Shoes*, esteve em digressão no Reino Unido, foi montada pela companhia escocesa Visible Fictions e recebeu em 2007 o Brian Way Award. Tim Crouch escreveu ainda *Kaspar The Wild* para o Theatre Royal de Plymouth e o Polka Children's Theatre.

Tim Crouch foi actor e fundador do grupo de teatro de Bristol Public Parts. Entrou ainda em *Light Shining in Buckinghamshire* de Caryl Churchill, *A Boa Alma de Sé-Chuão* de Brecht, *Endgame* de Beckett, todos para o National Theatre. Com a Franklin Stage Company de Nova Iorque fez Shakespeare (Malvolio na *Noite de Reis*, Petruchio na *Fera Amansada* e Próspero na *Tempestade*) e Tchekov (*Vânia* no *Tio Vânia*).
www.newsfromnowhere.net

Hannah Ringham

Estudou Belas Artes na Universidade de Brighton e representação na Central School of Speech and Drama. É co-fundadora do colectivo teatral Shunt, com o qual tem trabalhado em todos os espectáculos: *The Ballad of Bobby François*,

Sightings, *The Tennis Show*, *Dance Bear Dance*, *Tropicana* e *Amato Saltone* (os dois últimos em colaboração com o National Theatre). Entre os prémios do Shunt incluem-se o Peter Brook Empty Space 2005, o Time Out Live Award 2003 e um Herald Angel em 2000. Desde 2006, as Shunt Vaults (por baixo da estação de London Bridge) têm acolhido o Shunt Lounge, onde a companhia programa diferentes artistas para experimentarem novos trabalhos.

Para além do Shunt entrou no filme *The Itch*, de Glen Neath, em 2007, criou e interpretou *Ether Frolics* com o Sound and Fury em 2005, *Contains Violence* para o Lyric Theatre de Hammersmith e *Hedwig and Stoller* (com David Rosenberg), entrou em *Oogly Boogly* (de Guy Darnell e Tom Morris, um espectáculo para crianças dos 12 aos 18 meses), cantou na banda Superthriller que andou em digressão com Beck e foi actriz convidada em *An Oak Tree* de Tim Crouch.

www.shunt.co.uk

Karl James

Foi co-encenador e produtor da primeira peça de Tim Crouch, *My Arm*, e co-encenou *An Oak Tree*. Foi actor, compositor e encenador, trabalhando com (entre outros) John Retallack, Kenneth Branagh e Declan Donellan.

Como director e fundador de The Dialogue Project, passa a maior parte do tempo a ajudar pessoas a falar umas com as outras.

Entre os projectos mais recentes incluem-se: *Braver Conversations*

(CD e instalação audio encomendados pela Unilever), 2+2=5 (uma série de conversas gravadas e musicadas), *Ideas That Can Change The World* (colaboração com Creative Partnerships e a Helen Storey Foundation) e uma associação a longo prazo com a Educare Small School em Kingston.

No último ano tem-se concentrado no tema da Dor e em Outubro de 2006 juntou um padre, uma dominatrix, uma pessoa que se inflige ferimentos, um psicólogo do luto e uma vítima de queimaduras para partilharem experiências e pensamentos numa mesa redonda em França. Os resultados deram origem a uma peça chamada *Intimate Conversations* para o Latitude Festival (2007).

www.thedialogueproject.com

a smith

a smith é um artista de *performance* e criador teatral sediado na Noruega. Tem-se apresentado em teatros, galerias, ruas, páginas e ambientes educativos. Entre os seus projectos actuais incluem-se *hvor er du?/where are you?* (para jovens) e *the immigrant*, que vai estrear em Oslo em Outubro de 2007. Co-encenou *An Oak Tree* de Tim Crouch. Entre outros trabalhos como encenador incluem-se uma *performance* de música contemporânea com o conjunto sediado em Oslo NING e o desenvolvimento de uma colaboração com o artista de performance Rasmus Jorgensen.

Dan Jones

Compositor e desenhador de som britânico que trabalha para cinema e para teatro.

Entre as bandas sonoras para cinema incluem-se *Shadow of the Vampire* (com John Malkovich e Willem Dafoe) e *Max de Menno Meyjes* (com John Cusack), que recebeu o Ivor Novello Award para melhor banda sonora em 2004. Compôs para os principais canais televisivos britânicos, tendo trabalhado em *The Life of Mammals* de Sir David Attenborough, na série da BBC *Strange*, no drama *Twoickers* de Pawel Pawlikowski e em *Tomorrow La Scala* de Francesca Joseph. Colaborou com Sebastião Salgado, John Berger e Paul Carlin no especial BBC Arena *The Spectre of Hope*.

Criou também música e paisagens sonoras para obras de arte pública de grande escala. É co-criador de *Sky Orchestra*, onde se toca música a partir de sete balões de ar quente sobre uma cidade, o que faz desta uma das maiores obras sonoras do mundo. A sua música foi usada pela Rambert Dance Company, a Agência Espacial Europeia e em *Paradise Omeros* de Isaac Julien, em exposição na Tate Modern em Londres.

É um dos fundadores e co-director artístico da companhia de teatro Sound and Fury, cujos espectáculos são pioneiros no uso imersivo de desenho de som experimental.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO
TEATRO DE TER 4 A SÁB 19 MARÇO

Repartição

De Miguel Castro Caldas
Um espectáculo
dos Primeiros Sintomas

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30 · M/12

Depois de *Nunca-Terra*, em vez de *Peter Pan*, espectáculo apresentado em 2005, os Primeiros Sintomas voltam a co-produzir com a Culturgest um novo texto de Miguel Castro Caldas. O texto está publicado, em co-edição, na colecção Livrinhos de Teatro dos Artistas Unidos.

Ana começa. Acabaram as repartições de finanças. Ana entra em conflito interno. Acabaram-se as repartições de finanças. A voz da Ana várias vozes. Vozes de outros. O cúmulo dos outros é o funcionário da repartição de finanças a quem vamos declarar os rendimentos. O funcionário está doente. Ana tem de ir a casa dele. Era o tempo da última repartição de finanças. Viagem. Leito de morte do funcionário. Momento amoroso, em que Ana declara os rendimentos ao funcionário moribundo.

MIGUEL CASTRO CALDAS



© Bruno Bravo

Miguel Castro Caldas já escreveu para os Primeiros Sintomas, sempre com encenação de Bruno Bravo, as peças *A Montanha Também Quem* (2003), *O Homem do Pé Direito* (2003), *O Homem da Picareta* (2003), *Conto de Natal – variações de Dickens* (2004), *Nunca-Terra* (2005), *É bom boiar na banheira* (2006), *E agora baixou o Sol* (2007). Para o actor Gonçalo Waddington escreveu *Comida* (2006).

Os Primeiros Sintomas existem desde 2001. Para além das encenações de Bruno Bravo e dos textos de Miguel Castro Caldas, trabalharam com os autores Francisco Luís Parreira e Fernando Villas-Boas e com os encenadores Sandra Faleiro, Cristina Carvalhal e Gonçalo Amorim. Fizeram também espectáculos a partir de Mary Shelley, Paul Auster e Boris Vian. Montaram ainda *Endgame* de Beckett (2004) e *Foder e ir às compras* de Mark Ravenhill (2007).

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES
DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos
Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio
Judite Jóia

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Marta Fernandes ESTAGIÁRIA
Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Garmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCEIROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha